

NATURALISMO EM *INVEJA*: UMA DENÚNCIA SOCIAL NAS (ENTRE)LINHAS DO CONTO

Thâmara Soares de Moura (1); Felícia Pinheiro Gomes (2).

(1) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, thamara.soares068@gmail.com; (2) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, felicia_gomes14@hotmail.com.

Precursor do Naturalismo no Brasil e autor de obras célebres, Aluísio Azevedo está entre os nomes mais importantes da literatura brasileira do século XIX. Apesar de ser um escritor respeitado no âmbito literário, seu lado contista ainda é pouco conhecido. Partindo disto, o presente artigo tem o desafio de apresentar e interpretar um de seus contos, *Inveja*, inserida na coletânea de contos *Demônios* (1895), de modo a analisar as influências que os agentes sociais (característica marcante do Naturalismo) exercem na construção do conto em questão. Para tanto, adotou-se como método de pesquisa a abordagem qualitativa, tomando como *corpus* central alguns fragmentos da referida obra, de modo a fundamentar tais discussões à luz das teorias de autores e estudiosos consagrados na área, como, por exemplo, Bosi (2015), Pietrobon (2012) e Zola (2001). Isto posto, convém mencionar que o personagem principal do conto, o jovem Padre, tendo sido obrigado a seguir a vida religiosa, apresenta, no decorrer do enredo, comportamentos questionadores e revoltosos quanto as regras da própria Igreja Católica, uma vez que, sentindo aflorar os seus instintos mais íntimos, observa todos seres, dos racionais aos irracionais, compartilhando os prazeres do amor, enquanto que ele enfrentaria o fado de uma vida solitária e hipócrita. Portanto, constata-se que o conto configura-se como uma espécie de mimese reflexiva e ácida da sociedade brasileira do século XIX, pois sua construção baseia-se em críticas reais às entidades religiosas, focalizando questões relacionadas aos instintos humanos e aos preceitos religiosos de castidade.

PALAVRAS-CHAVE: Naturalismo, Conto, Aluísio Azevedo, *Inveja*.

Introdução

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, ou, simplesmente, Aluísio Azevedo, nasceu no dia 14 de abril do ano de 1857, em São Luiz do Maranhão, e está entre os nomes mais importantes da literatura brasileira. O escritor, precursor do Naturalismo no Brasil no século XIX, foi também jornalista, caricaturista e artista.

Caracterizado por uma escrita de cunho ácido, abordou em suas obras a hipocrisia na sociedade brasileira como tema principal. Em suas produções, visitava locais, misturava-se a pessoas, com intuito de inspirar-se em personagens reais. Enquanto amante das artes,

desenhava seus personagens, dando-lhes forma em pedaços papelão (BOSI, 2015).

Em contrapartida, apesar de ser um escritor de capacidades infinitas, seu lado contista não é tão conhecido, pois seus contos eram, na verdade, uma espécie de rascunho, um prenúncio para as suas futuras obras: *Inveja*, inserida na coletânea de contos *Demônios* (1895), por exemplo, é considerado por muitos críticos a síntese do seu romance *A Mortalha de Alzira*.

Partindo, portanto, deste pressuposto de “ineditismo”, o referido trabalho debruça seus estudos sobre o viés contista de Aluísio Azevedo. Assim, utilizando como *corpus* central o conto *Inveja*, este trabalho tem por desafio investigar as influências que os elementos naturalistas exercem na construção deste conto. Para tanto, três segmentos de leitura serão tomados: a) vida e obra de Aluísio Azevedo; b) o engajamento literário brasileiro do século XIX e a sua consequência nas obras; c) um olhar naturalista sobre o conto *Inveja*, embasando-se em autores como Zola (2001), Pietrobom (2012) e Bosi (2015).

O engajamento literário brasileiro do século XIX e a sua consequência nas obras de Aluísio Azevedo

Em meados do século XIX, surgiu na Europa o naturalismo: um movimento literário que tinha por essência “o estudo do temperamento e das modificações profundas do organismo sob a pressão do meio e das circunstâncias” (ZOLA, 2001, p. 13). Assim, o meio seria o verdadeiro modificador e causador de patologias de natureza psicológica no homem. Buscava, desta forma, representar a realidade e o homem de forma objetiva e crítica, contrapondo-se ao lirismo do Romantismo e às crendices metafísicas (BOSI, 2015).

Esta foi uma época em que o pensamento humano transformou-se: a ideologia criacionista e o monopólio psicossocial exercido pela igreja católica deram espaço aos preceitos teóricos da ciência. O homem e suas fragilidades passam, então, a ser o centro das atenções no âmbito social, científico e literário. “Pierry Cogny (1968, p. 19) acredita que [...] os autores buscavam mostrar a sociedade de uma forma caricata e a humanidade sem nenhum tipo de artifício” (PIETROBOM, 2012, p.15).

Estes acontecimentos influenciaram diretamente as produções literárias da época e não foi diferente no Brasil. Como importar produtos e costumes europeus era frequente, não

demorou muito para que o Naturalismo fosse incorporado pela sociedade brasileira.

Araripe Júnior detalha que, “migrando” para o Brasil, o Naturalismo não poderia deixar de passar por uma modificação, considerando a diferença entre as populações e os ambientes onde essas populações viviam, relatando a sociedade brasileira e as endemias de um país tropical (PIETROBOM, 2012, p.14).

No final do século XIX, o país foi marcado por vários acontecimentos. A decadência da Monarquia e a instalação da República, a abolição da escravatura, a urbanização crescente das grandes cidades, a ascensão do Naturalismo e do Realismo nas artes, o declínio da economia açucareira em detrimento à cafeeira (BOSI, 2015).

Aluísio Azevedo foi a figura de maior importância do movimento no país, não só por ser o precursor, mas também por não seguir à risca o modelo europeu importado.

Segundo Araripe Júnior, Azevedo não cometeu o erro de copiar o modelo francês. Na verdade, essa escola literária representava a voz dos excluídos, seja pela raça, condição social ou orientação sexual. A inclusão na literatura das camadas sociais mais baixas oferece à obra o verdadeiro elemento da noção de realidade. Da mesma forma, denunciava as injustiças sociais, a corrupção política e religiosa. [...] É possível identificar algumas características básicas da escrita de Aluísio Azevedo, como o seu olhar naturalista no que concerne à religião, mais precisamente à igreja como instituição; o seu olhar a respeito das doenças nervosas e sobre o modo como estas doenças eram desencadeadas pela influência do meio e da hereditariedade (PIETROBOM, 2012, p. 14).

Manteve em suas obras, portanto, características marcantes do Naturalismo: patologias nervosas como a histeria, a loucura, alcoolismo, entre outras. Além disso, teve forte influência dos ideais defendidos por Ângelo Agostini e Bordalo Pinheiro, grandes figuras estrangeiras que satirizavam as organizações sociais (PIETROBOM, 2012)..

O cargo de jornalista possibilitou conhecer bem as mazelas sociais de seu país e retratá-las em seus livros, desenvolvendo neles:

Teses sociais e políticas. [...] Coletava sistematicamente documentos humanos, entregando-se a uma pesquisa minuciosa a respeito dos costumes e do modo de pensar das classes sociais menos favorecidas, transportando essas informações para suas obras” (PIETROBOM, 2012, p.27).

Além do mais, denunciou incessantemente a elite e o sistema clerical do Brasil através de suas produções literárias e reportagens.

Aluísio Azevedo fundou, juntamente com outros autores, como Eduardo Ribeiro e Antônio Machado, em São Luís do Maranhão em 1880, o jornal anticlerical *O Pensador*. O objetivo deste folhetim era claro: opor-se ao jornal clerical *A Civilização*. Este jornal clerical, totalmente intransigente, tinha como propósito defender o clero contra as acusações feitas pelos autores de jornais anticlericais. [...] Quase todos os artigos que atacavam o clero eram assinados por pseudônimos. O único escritor que, mais tarde, colocou seu próprio nome foi Aluísio Azevedo. Em seus artigos, os escritores não perdoavam uma única falha: investigavam a vida

íntima do clero maranhense, atrás de seus pecados. (PIETROBOM, 2012, p. 22-23, grifos do autor)

Isto posto, perseguiu abertamente a igreja católica maranhense enquanto instituição, denunciando as opulências do clero, bem como os atos sigilosos praticados e encobertos pela própria Igreja. Foi a partir deste cenário de hipocrisias e denúncias religiosas que surgiu a inspiração para o conto *Inveja*.

Inveja: um olhar naturalista sobre o conto

Publicada em 1895, na coletânea de contos *Demônios* – em que o título de antemão já faz uma alusão crítica à religiosidade –, *Inveja* revela em suas linhas uma visão do autor a cercar do momento em que vivia. É um conto de características psicológicas, tendo como tema central a hipocrisia dos valores religiosos na igreja católica.

O personagem deste conto é um jovem padre, de aparência frágil, pele clara e cabelos negros, cujo nome não é identificado. A narrativa começa com a descrição do ambiente e da paisagem: um campo ao entardecer. Caminhando sob a sombra das árvores, o rapaz senta-se à beira de uma velha fonte de pedra encoberta por ervas de folhas opulentas. Ao observar uma garota recolhendo roupas, bois pastando, trabalhadores felizes e um rumor alegre de famílias comuns, medita sobre sua existência e sobre a sua vida triste e solitária de homem casto. Relembra, então, fatos desde a sua infância feliz até o momento em que foi forçado a ordenar-se padre, abdicando os laços familiares, a felicidade e o amor para viver recluso na frieza do celibato e da fé. Ao perceber os toques de felicidade nos rostos das pessoas em afazeres corriqueiros, sentimentos de inveja são despertados, pois todos tinham o que ele não poderia ter: afeto. Insatisfeito com sua vida eclesiástica, repensa criticamente sua posição na sociedade, bem como os princípios de castidade exigidos pela igreja católica. Estranhos desejos carniais, no qual ele sempre reprimia com a sua fé, também começam a ser questionados, até que, um casal amoroso de passarinhos despertam a sua atenção. Neste momento, a ira toma conta de si, pois é como se o universo mostrasse que até dois animais possuíam a benção divina do amor e da felicidade. E, num ímpeto de consciência, põe fim a vida do pobre casal.

De maneira geral, vemos que Aluísio tenta, de forma ácida, utilizar o conto como uma maneira de denunciar os preceitos da igreja católica, neste caso, a castidade, já que o jovem Padre desejara coisas que não podia, em consequência de ser sacerdote (PIETROBOM, 2012). Partindo disto, pode-se afirmar que o momento de observação às famílias descrito no conto o incita a pensar sobre a sua pobre alma de homem casto,

solitário e reprimido. O ambiente, neste momento, contrasta-se aos sentimentos do personagem. Enquanto o exterior emanava toques fraternos, o seu interior revelava um estado depressivo.

Entretanto, um padre ainda moço, depois de passear silenciosamente à sombra das árvores, foi assentar-se, triste e preocupado, nos restos de uma fonte de pedra, cuja pobreza as ervas disfarçavam com a opulência da sua folhagem viçosa e florida. E aí ficou a cismar, perdido num profundo enlevo, como se o ardente perfume daquela tarde de verão fora forte demais para a sua pobre alma enferma de homem casto. [...] Estranhos e indefinidos desejos levantavam-se dentro dele, pedindo confortos de uma felicidade que lhe não pertencia e levando-o a cobiçar uma doce existência desconhecida, que seu coração magoado e ressentido mal se animava de sonhar por instinto. E, assim, vinham-lhe à memória, com uma reminiscência dolorosa, todas as suas aspirações da infância. Ah! Nesse tempo, quanta esperança no futuro! ...Quanta inocência nas suas aspirações! ...Quanta confiança em tudo que é da terra e em tudo que é do céu! ... (AZEVEDO, 1943, p. 1040)

Percebe-se em “ficou a cismar, perdido num profundo enlevo”, a transição de uma observação externa a um fluxo analítico de caráter psíquico. O ambiente provoca estranhos desejos e sua alma pede uma felicidade que nunca havia sentido por causa da sua posição reprimida e solitária na sociedade: a de padre. Seus instintos joviais desabrochavam ZOLA, 2001). A partir destes pensamentos, o personagem volta-se a uma análise crítica à sociedade, fazendo referência a realidade do mundo e à maldade humana, a qual a infância, como essência da pureza, o protegia. Neste outro fragmento, pode-se encontrar a crítica continuada a uma sociedade desigual e corrupta, que vai muito além do âmbito ficcional do conto. Materializa-se, a partir daqui, uma das principais características da escrita azevediana (PIETROBOM, 2012).

Não conhecia ainda a responsabilidade da sua vida e não sabia como e quanto dói ambicionar muito e nada conseguir. Ah! Nesse tempo feliz, ele era expansivo e risonho. Nesse tempo ele era bom. (AZEVEDO, 1943, p. 1040)

A infância ingênua confronta-se à vida adulta. Observa-se, ao final desta passagem, um dos preceitos básicos do Naturalismo: o ambiente é o verdadeiro influenciador do homem (ZOLA, 2001). Enquanto pequeno, não atinava para a repressão que o meio social exercia. Era bom e puro. Estava livre de todo e qualquer tipo de maldade e ganância.

Continuando a refletir sobre a aurora de sua vida, revela que foi contra a ideia de tornar-se padre. Neste trecho, inicia-se uma nova crítica, dessa vez aos costumes impostos pela igreja católica (PIETROBOM, 2012):

Mas, continuou a pensar, cruzando sobre o fundo estômago as mãos finas e decoradas, enterraram-me numa casa abominável, para ser padre. Deram-me depois uma mortalha negra e disseram-me: ‘Estuda, medita, reza, e faze-te um santo!’” (AZEVEDO, 1943, p.1040-1041)

Esta, revela-se quando o personagem usa os termos “enterraram-me numa casa abominável” e “deram-me depois uma mortalha negra”. Ao vestir esta “mortalha negra” (fazendo referência à batina), estaria abdicando a vida, como se este momento fosse a sua sentença final. A entrada no celibato, portanto, marca a sua morte. Os termos “estuda, medita, reza e faze-te um santo!”, além de significar a dedicação exclusiva a vida religiosa, acentua o caráter crítico do trecho acima. Qualquer mero mortal possuía o livre arbítrio, com direito ao pecado e ao perdão, mas um padre, Representante Divino, não poderia cometer qualquer ato que fosse contra as Leis de Deus, como se, ironicamente, não possuísse as mesmas necessidades e fragilidades como qualquer outro ser humano. O próximo trecho afirma este pensamento: “Fecha-te ao prazer e à ternura, fecha-te dentro da tua fé, como se te fechasses dentro de um túmulo!”

O tom irônico acirra-se ainda mais quando o personagem deixa transpor sentimentos de raiva mediante a ideologia de castidade exigida pela igreja. Nesta fase, em que o jovem está descobrindo o mundo e a si mesmo, é normal aflorar atrações e desejos. Partindo deste pressuposto, o jovem contrapõe-se satirizando fortemente os princípios eclesiásticos.

“És moço? Pois bem! Quando o sangue, em ondas de fogo, subir-te à cabeça e quiser estrangular os teus votos, agarra aquele cilício e fustiga com ele o corpo! Quando vires uma mulher, cujo olhar, úmido e casto, te faça sonhar os deslumbramentos do amor, bate com os punhos cerrados contra o teu peito e alanha tua carne com as unhas, até que sangres de todo o veneno da tua mocidade. [...] Desde que o destinaram a padre, sentia-se arrastado para a tristeza e para a solidão. (AZEVEDO, 1943, p. 1041)

“Até que sangres de todo o veneno da tua mocidade” é o fragmento que ilustra com mais perfeição o seu pensamento. O que pros outros seria uma atitude normal e instintiva ao ser humano (o amor e o desejo), para uma figura “tão divina” quanto um padre seria um pecado terrível. Neste momento, o personagem “sai” de seu pensamento e volta-se à realidade. Antes, fazia uma observação crítica à igreja e a sociedade. Agora, volta a refletir sobre si mesmo. O ambiente se harmoniza aos seus sentimentos, trazendo à tona a melancolia, como resultado a este momento histórico (BOSI, 2015). Faz, agora, uma certa confissão do que realmente lhe entristece. A vida lhe foi tirada após a batina, não só por esta ter sido uma obrigação, mas também porque lhe foi privado as sensações necessárias para a completude humana: o amor, a alegria, o convívio com a família. Estava excluído a si mesmo, fechado em um mundo de frieza e solidão no celibato. Na verdade, era mais que amor carnal que lhe faltava: era algo mais puro, o afeto. Foi removido dos laços familiares e impedido de construí-la, assim o quisesse. Amor, no sentido mais puro da

palavra, não existia. Seu passado, presente e futuro estavam destinados à solidão. Mas, como poderia uma igreja pregar a disseminação do amor entre seus fiéis e oprimir os seus próprios componentes de vivê-lo? Como poderia ele, a representação de Deus na terra, pregar este sentimento em sua forma mais completa e pura, se não poderia senti-lo? O fragmento a seguir responde tais indagações:

Achava certo gozo amargo em deixar-se consumir pela áspera certeza da sua inutilidade física. Não queria a convivência dos outros homens, porque todos tinham e desfrutavam aquilo que lhe era vedado – o amor, a alegria, a doce consolação da família. O que ele desejava do fundo do seu desgosto era morrer, morrer logo ou quando menos envelhecer quanto antes; ficar feio, acabado, impotente; que o seu cabelo de preto e lustroso se tornasse todo branco; que o seu olhar arrefecesse; que os seus dentes amarelassem e a seu fronte se abrisse em rugas. Desejava refugiar-se covardemente na velhice como num abrigo seguro contra as paixões mundanas. (AZEVEDO, 1943, p. 1041)

Era infeliz. Diante a triste cena, o jovem rapaz só queria fugir, de algum modo. Não queria nem o contato com as pessoas, pois era como se o mundo pudesse ostentar simplicidades que ele nunca teria. A morte era a sua única solução. Simples, rápida e libertadora. Morrer definitivamente, pra ele, seria como renascer na paz eterna. Ou se a morte fosse um desejo inalcançável naquele momento, que ao menos envelhecesse depressa, e o seu físico tomasse as mesmas proporções de sua alma, há tempos envelhecida. A velhice, ao menos, poria fim aos seus desejos joviais, confirmando os pressupostos defendidos por Bosi (2015) e Zola (2001).

Sente-se, no próximo trecho, a histeria tomando conta mais uma vez do seu ser, provocado pela luta incessante entre seus instintos mais “profanos” e a sua posição repressora, exigida pela igreja (PIETROBOM, 2012). Desejava reprimir seus instintos de todas as formas, mas não se via capaz:

Sofria ímpetos de arrancar aquele seu coração importuno e esmagá-lo debaixo dos pés. Não se sentia capaz de domar a matilha que lhe rosnava no sangue; sobressaltava-se com a ideia de sucumbir a uma revolta mais forte dos nervos, e só a lembrança de que seria capaz de uma paixão sensual sacudia-o todo com um frio tremor de febre. Todavia... replicou-lhe do íntimo da consciência uma voz meiga, medrosa, quase imperceptível. Todavia, o amor deve ser bem bom!... (AZEVEDO, 1943, p. 1041)

Essa voz, que surge do seu consciente mais íntimo, o acalma. É como se houvesse uma terceira pessoa, além do seu lado instintivo e repressor: o seu verdadeiro Eu interior; aquele que foi reprimido e obrigado a viver o que não queria. Esta era a sua verdadeira voz, meiga, medrosa, quase imperceptível, como a de uma criança frágil, curiosa, mas que tem medo de florescer. Neste momento, dois fios compridos tiram-no

do seu estado de torpor, voltando-se mais uma vez ao ambiente exterior. Passa a observar, então, o afeto que existia entre um casal de passarinhos. A inveja toma conta do seu ser, pois, até dois simples animaizinhos possuíam tudo o que ele mais almejava. É como se aqueles dois, a natureza, e até mesmo o universo, o provocassem. “Velhaquinhos”, termo a qual ele refere aos passarinhos no trecho, demonstra ainda mais o seu tom de desprezo.

E dois fios compridos escorreram pelas faces pálidas do padre. Nisto, o canto de um passarinho fê-lo olhar para cima. Na embalsamada cúpula de verdura que cobria a monte o inocente intruso trinava ao lado da sua companheira. O moço estremeceu e ficou a olhar fixamente para eles. Os dois velhaquinhos, descuidosos na sua felicidade, conservavam-se muito unidos, como se estivessem cochichando segredos de amor. A fêmea estendia a cabeça ao amigo e, enquanto este lhe ordenava as penas com o bico, ela, num arrepio, contraía-se toda, com as asas levemente abertas e trêmulas. Depois, uniram-se ainda mais, prostrados logo pelo mesmo entorpecimento. Então, o jovem eclesiástico, tomado de uma vertigem, levantou o guarda-chuva e com uma pancada lançou por terra o amoroso par. Os pobrezitos, ainda palpitantes de amor, caíram, estrebuchando a seus pés. No horizonte esbatia-se a última réstia de sol e o sino de uma torre distante começou a soluçar Ave-Maria. (AZEVEDO, 1943, p. 1041-1042)

A atitude do Padre é totalmente inesperada. O trecho adquire, então, um certo teor hipócrita. Exige-se, de antemão, que um representante religioso e conhecedor das Leis Divinas tenha, ao menos, o controle dos seus impulsos, uma vez que este gesto tenha sido completamente “imoral” para um clérigo (PIETROBOM, 2012). Mas, mediante a sua visão inconsciente e transgressora, esta atitude foi necessária para liquidar aqueles sentimentos e pensamentos perturbadores, uma espécie de vingança (ZOLA, 2001). Os passarinhos materializam-se, então, como um objeto de perfeição a qual ele tanto invejava, pois via neles tudo o que lhe foi proibido. Os elementos do ambiente, por fim, velam, melancolicamente, as pobres criaturinhas.

Considerações finais

Tendo como propósito principal analisar o conto *Inveja*, de Aluísio Azevedo, e, levando em consideração a existência de poucos estudos baseados na obra, o presente artigo tem por desafio investigar as influências que os elementos naturalistas exercem na construção do conto em questão. O trabalho em explicar tais aspectos dentro do conto de Aluísio conseguiu se concretizar a partir de várias passagens do próprio enredo, considerando os autores e estudiosos escolhidos para dar embasamento à análise.

Isto posto, pode-se considerar que as entrelinhas de *Inveja* possuem voz ativa, pois a crítica aos preceitos religiosos – característica marcante

da escrita azevediana –, no que concerne a castidade e os instintos humanos é nítida e se sobrepõe em toda a construção do enredo. O próprio Padre, constituinte da igreja, se materializa como o agente crítico aos preceitos católicos e, ironicamente, revela-se transgressor ao cometer alguns dos sete pecados: luxúria, ira e inveja.

Estas atitudes revelam-se não só como características da escrita de Aluísio, mas também como os preceitos básicos do Naturalismo. O meio como agente modificador do homem e desencadeador de distúrbios psíquicos constituem a base de todo o enredo. Tal afirmação pode ser comprovada ao analisar os trechos em que o jovem revela sentir-se arrastado para a tristeza e a solidão profunda desde o momento em que foi forçado a dedicar-se ao celibato, mas admite que já foi feliz um dia, ainda na infância, fase em que não atinava para a repressão social. Os pecados, o estado depressivo, a histeria e os ímpetos de insanidade, todos de origem psíquica, se materializam como consequência à influência do ambiente. Vale ressaltar que o termo “pecado” foi utilizado no conto mediante um contexto irônico, tendo em vista que o Naturalismo distancia-se das figuras e credices metafísicas.

Em suma, uma exímia obra como *Inveja* não pode jamais se findar em apenas uma análise. Este estudo, portanto, poderá vir a servir para que outras (re)leituras possam ser feitas, uma vez que apresentamos aqui apenas algumas das diversas possibilidades de análise que a obra traz para quem o lê, permitindo, assim, que outros leques de interpretação sejam abertos.

Bibliografia

Azevedo, Aluísio. **Demônios**. 5. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA Editores, 1943.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 2015.

PIETROBOM, Amanda Lopes. **Aluísio Azevedo: naturalismo e fantástico**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

ZOLA, E. **Le roman expérimental**. Paris: Guarnier-Flammarion, 1971.

Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=rAs3A4CQ5K4C&pg=PA19&lpg=PA19&dq=ZOLA,+E.+Le+roman+exp%C3%A9rimental.+Paris:+Guarnier-Flammarion,+1971.&source=bl&ots=GTzzT-d-O5&sig=n9YpCa6PJ-8n5abG4FkDiA0XoFc&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiV8Ou_lpLNAhXI4SYKHb2qBe0Q6AEIHTAA#v=onepage&q=ZOLA%2C%20E.%20Le%20roman%20exp%C3%A9rimental.%20Paris%3A%20Guarnier-Flammarion%2C%201971.&f=false. Acesso em: 28 Mai. 2016